

a odisseia  
do espírito santo  
antónio breda carvalho



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## NOTAS DO AUTOR

Com a liberdade inerente a toda a obra de ficção, o autor deste romance regista, adapta, transforma e recria os factos históricos relacionados com o caso herético que marcou, de 1758 a 1759, a aldeia de Vilarinho, do concelho de Mondim de Basto. Por isso, dissemelhanças entre a realidade ficcional e a realidade histórica resultam da decisão consciente do autor.

Bibliografia consultada: *Um Buraco no Inferno — João Pinto, o Lavrador Heresiarca e a Inquisição*, António Ribeiro, Palimage Editores, 2006 (tese de mestrado em História).



## ANTÓNIO GASPAR

**A**cabou de sair daqui João Pinto, conhecido lavrador de S. Martinho de Vale de Bouro, a quem costumava servir com dedicação e com toda a força dos braços. Não sou jornaleiro dele já lá vão quase oito semanas, que são quase dois meses, tenho o tempo bem contado na falta que ele me faz. Agrada-me ser moço do seu mando, dá-me palheiro e cozinha, e a jorna não tarda um credo, ele é daimoso inté ao fundo do coração. Infelizmente não me tem chamado, cá me desenrasco por onde adrega, dá para enganar a tripa, não sou de alambazar nem biqueiro, por sorte João Pinto é a minha bengala das horas de aflição, conto com a jeira no fim do primeiro dia de pica-boi, como certo é estar o ovo no cu da galinha. Ele veio a Vilarinho negociar a compra de um tonel, contou-me às trindades, assim que cheguei a casa, estafado de muito roçar mato no pinhal do Eleutério Tralhão. Achei-o assentado na soleira, um palmo de folga entre a porta e o costado por estar a ler um caderno que segurava nas mãos, percebi que queimava tempo enquanto

esperava por mim. Mal me viu, fechou o caderno e levantou-se, estendeu-me a mão direita num aperto rijo, e ainda eu não tinha aberto a boca já me explicava a razão da sua visita, nem me deu respiração para pensar que era por questão de lavoura, a coisa mais valiosa que queria ouvir. Disfarcei o desencanto e de pronto lhe dei albergue nesta casa pobre, também à junta de bois, fui hospitaleiro de boa vontade por obrigação de favores recebidos, e tanto nem era preciso, bastava olhar o crepúsculo para me doer a alma, a noite caía para cima do dia, mais uma noite sem estrelas e sem luar de verão; há que deixar o tempo ter tempo, as noites ainda chegam cedo e tudo escurecem, sem candeia não se vê palmo à frente dos olhos, as casas parecem sombras de fantasmas, e então a estrada que leva para fora de Vilarinho é campo de colheita noturna para salteadores, são piores que raposas a pilhar galinhas. Desengatámos os bois, mugiram de alegria quando perceberam que iam para debaixo de telha, um teto à boca da noite lembra forragem e água, deve ser o que eles ruminam na cachola. No soltar da junta de bois abaluei o tonel em cima do carro, pareceu-me bom negócio, aldemenos quanto ao estado da madeira por fora, por dentro não sei, foi uma avaliação feita de raspagem, assim como quem sacode as botas ao abrir da porta, além disso o cerramento do dia atraiçoa os olhos e não sou gato, muito menos morcego. Mais tarde, João Pinto amesendou-se e trincou azeitonas, enquanto eu ia aquecendo torresmos guardados na salgadeira para domingo, e durante o comes despejámos duas garrafas, as últimas de três almudes de vinho que eu tinha comprado aqui em Vilarinho, por acaso ao mesmo vendedor do tonel, o Lingrinhas, hei de pagar-lhe nem que seja com trabalho, sou honesto, pois

então. Por contar ao lavrador João Pinto a quem tinha mercado o vinho, sorriu com a boa compra do tonel, pelo preço de uma aduela, gabou-se de ter arrecadado a pechincha graças a uma frase lida num caderno que tirou do bolso, num instante adormeceu os miolos ao Lingrinhas. Cheio de curiosidade, desafiei-o a ler-me a dita frase, nada receava porque nada tinha para vender, mas ele não es-corregou na cantoria, limitou-se a dizer que tinha selado a compra com duas moedas, beberam dois copos para ce-lebrar, rica pinga, e finalmente o vendedor foi à procura de dois moços para o ajudarem a pôr o tonel em cima da carroça. Esta foi a conversa que comi à mesa, em troca dei-lhe outra que ele ouviu arregalado, e depois, com as botelhas viradas do avesso e sem torresmos a besuntar os olhos, nem furgalhos de broa para as formigas sobraram, o meu melhor patrão bocejou, queixou-se do sono, toda a hora é boa para dormir quando há sono, e fui estender uma esteira junto ao borrarho, onde ele dormiu coberto com xaile e manta de trapos, roupa que fui tirar da arca, duas peças da minha saudosa mãezinha, Deus a tenha em descanso. João Pinto mereceu tudo isto sem choro nem arrependimento da minha parte, trabalho e favores lhe devo eu, não sou ingrato, mas bastava-lhe ser quem é, não sou igual aos que abrem a mão só depois de receberem carradas, ele é pessoa de bem, só digo verdades, deseja fazenda e saúde a quem não mata uma mosca, e o melhor de tudo é que tem o condão de curar doenças e males de-moníacos com rezas e leituras que só ele percebe, mais os espíritos com quem fala, isto é obra de homem como há poucos. Sim, fala com os espíritos, por isso lhe chamam o curandeiro de S. Martinho de Vale de Bouro. De manhã aviámo-nos com broa, morcela assada e malga de café de

cevada, e a arrotar saímos de casa, o Sol sorria no céu, era bom agouro. João Pinto caminhou emparelhado comigo, lado a lado, sem me raspar o ombro, mesmo assim eu cambaleava porque lhe via as costas anchas de homem robusto, 37 anos gordinhos e musculatura como os bois que faz suar, e usa uma coisa na cabeça que eu nem em altas carraspanas tive inteligência para imaginar, nunca lhe fiz uma cabeleira postiça na cabeça, só nesta noite, em minha casa, é que tive a certeza de ser cabelo falso, precisamente quando tirou a peruca da cabeça com o à-vontade de quem tira um chapéu, e com jeito botou-a num banco da cozinha, se calhar teve medo que o borralho lhe pegasse fogo. Vi-lhe a moleira sem cabelo, rapada, nem um só para recordação do tempo mais farto, meteu-me impressão a pele lisa e pensei que a sabedoria que tem, por muitas provas dadas sem discussão, é uma cabeleira que usa por dentro, ficou depenado de cabelos ao rente da idade, por gastar muito a mioleira a ler livros com o entendimento que tem um monge na conversa com Deus. Além disto é homem viajado, palmilha léguas e léguas em redor do Monte Farinha, já foi a cidades que muita gente não verá inté à hora da morte, eu cá nunca pus os pés em Braga, só digo a verdade, conhece terras e gente como os campos que lavra por aí afora, conhece as portas das ruas por onde passa, incluindo moradores, pobres e analfabetos como eu, que tristeza a minha, também gente abastecida de terras, dinheiro e outros bens, e gente letrada, e todos o admiram com respeito pelos muitos livros de coisas espirituais e religiosas que lê. É tal o apego à leitura que traz um livro no casaco, sempre o mesmo, também o casaco de viagem é albarda de letrado que lhe assenta à medida. Ele diz que esse livro é uma língua de fogo,

afugenta os espíritos demoníacos que se instalam no corpo das pessoas com alma fraca, moram lá como se estivessem na sua própria casa, ninguém pode dizer que é dono de si próprio. Cá para mim, foi o Senhor que trouxe João Pinto à freguesia de Vilar de Ferreiros, aqui ao lugar de Vilarinho, foi Deus que o pôs dentro de minha casa, para que eu me alembresse de lhe falar do triste caso da Maria José, a que é vizinha do sapateiro Custódio, a duas quelhas daqui, por acaso inté são duas pessoas bem faladas nestes arredores, embora por razões tão diferentes, assim como comparar cabra com boi. Ao meu patrão de muitas jornas interessou mais a conversa sobre a Maria José que o negócio do tonel, se bem que este estava feito e sem remédio para o vendedor, de nada lhe adiantava chorar sobre o leite derramado, aposto que já assobiava às botas, santa paciência. Ontem à noite, na cozinha, o lavrador de almas logo buscou esclarecimento para perguntas sem resposta e outras com respostas magras, porque pouca coisa eu sei acerca da desgraçada mulher, não dá para encher um púcaro de vinho; só sei que, por quatro vezes em quase três anos, a Maria José, já possessa de um espírito ruim, e aqui é que está o enredo, tinha ficado sem criação doméstica, também que a passarada nunca mais pousou no diospireiro do quintal, fugiu em bando para a figueira do sapateiro, alembro que é vizinho da Maria José, e desta praga muito se queixou ele a torto e a direito. Depois calou-se, não se ouviu mais estardalhaço na boca dele, e isso coincidiu com o cheiro a cebolada ao cerrar da noite, o gajo enfar-delava-se com pardais, fazia auga na boca e um apertar no estômago a quem farejava a comezaina, os cães ganiam-lhe à porta, um clincar de fome desvairada e vingavam-se com raiva no alguidar de penas que ele atirava para a rua,



o raio do sapateiro também percebe de tachos ao lume, há coseres e cozeres, quem havia de dizer. Mas era da Maria José que eu falava, as palavras parecem rodas, mudam de direção conforme a boca que as empurra, falava dos achaques que adoecem a infeliz, coisa de espírito demoníaco. Ela volta e meia cai à cama, se tiver tempo para lá chegar, porque tomba de repente como se tivesse corpo de chumbo e cabeça de latão, esganada por uma voz atravessada na garganta; se fosse um caroço de azeitona, era só dar palmadinhas nas costas, mas os espíritos maus nem com vara de picar bois se mexem; outras vezes ela dá em estrebuchar, deita espuma pela boca, só falta vomitar um sapo, bicho nojento, se calhar já o cuspiu para fora, deve ser o que oiço coaxar à noite. Foi no seguimento desta conversa que fomos, eu e o curandeiro João Pinto, assim que mata-bichámos pela manhã, a casa da doente. Não foi preciso andar muito para chegar ao fundo da rua, na direção de quem vai para Vilar de Ferreiros. Depois das apresentações à moda do costume e da primeira conversa, que tem serventia para as pessoas estranhas ganharem simpatia e confiança umas nas outras, quando não acontece o contrário, despedi-me deles ao fim de um dedo mindinho de paleio e um copo de jeropiga emborcado na companhia dos homens, o lavrador curandeiro e o António Antunes, dono do prédio e homem da casa, se bem que não ponho as mãos no fogo, já vi homens de barba rija agachados à canga das mulheres que mostram cara de anjinhas, e que carinha de flor mimosa tem a Maria José, digo eu à vontade porque nunca cobicei mulher casada, é um feitio meu que detesto, ninguém é perfeito. Despedi-me para não assistir à reza do João Pinto, não fosse o espírito soltar-se do corpo da Maria José e agradar-se da minha figura, com

vontade de se meter dentro de mim para beber o vinho que emborco goelas abaixo. Expliquei-lhes que não queria assistir, por respeito à privacidade da Maria José, embora saiba que nenhum deles acreditou na desculpa mal-amanhada, muito menos o lavrador de Vale de Bouro, bem lhe apanhei o sorriso disfarçado. Antes tivesse ficado com a boca fechada, pois ele respondeu que não se lembrava de me ter convidado para a cerimónia, nem a mim nem a ninguém, e elevou a autoridade na voz, tinha de estar isolado com a possessa, ele disse doente, simpático nas palavras, sozinho à vontade com ela para sem embeleque estudar o feitio e a ronha do espírito, a fim de lhe ganhar a confiança com papas e bolos, isco feito com palavras e leituras que não podiam ser distraídas por curiosos. Não quis embancelhar mais; nem tarde nem cedo, desejei sorte à Maria José e ao lavrador a quem costume servir, acenei uma despedida ao António Antunes e saí para a rua, virei à direita e enfiei-me na oficina do sapateiro com a mira de gastar uma sola de conversa. Mal entrei na oficina, vi que ele cosia uma bota e também cosia-se de curiosidade sobre o homem que tinha entrado em casa do Antunes, inté me custou acreditar que ainda não conhecesse o famoso curandeiro de S. Martinho de Vale de Bouro, e sendo isto verdade então tinha muito que aprender, é o que faz ter o fundilho das calças colado ao banco. Eu sei, por experiência própria, que é chato suar no campo, debaixo de sol e chuva, mas é lá fora que está o mundo e a vida, as coisas boas e más; na oficina, sentadinho, o sapateiro tem de esperar que o vento lhe sopra as notícias ao ouvido, ou que alguém lhe apareça portas adentro, como é o meu caso agora. Ele suspirou de satisfação por ouvir que não se tratava de padre exorcista, foge deles como diabo de água

benta, se lhe passar à frente a sombra de uma batina metete-se dentro de casa, fechado a sete trancas, toda a aldeia sabe que é homem avesso a missas e rezas, para desagrado do padre Manuel João dos Reis, prior da freguesia de Vilar de Ferreiros, à qual pertence Vilarinho. Mesmo assim, o pároco vem sempre ao sapateiro com o calçado para consertar, porque nunca paga, segundo o Custódio se queixa com alma de quem está fora da graça de Deus; não sei se é verdade, pode ser aldrúbia de quem não sorri a padrecos, e quanto aos calotes o sacerdote desculpa-se com a cômputa por pagar. Depois de saber o que fazia o lavrador de Vale de Bouro em casa da possessa, o Custódio deu um nó cego no barão que cosia a bota e cuspiu as primeiras palavras sobre o curandeiro: *Qualquer dia até um cão é médico de almas!* Apeteceu-me mandá-lo coser as botas ao diabo, mas fechei a matraca e fui para casa sem lhe dizer adeus, o meu modo educado de o mandar pegar num balde e numa pá, e a bufar saí dali, a estancar a vontade de lhe largar uma bujarda nas trombas, não o fiz por respeito à diferença de idades. Quando João Pinto chegou a minha casa ainda a manhã ia a meio, trazia o livro da curandice numa mão, e fiquei-me de olhos pregados ao livro como Cristo à cruz. O curandeiro pôs a capa do livro bem pertinho dos meus olhos e disse que era *O Livro de S. Cipriano*, e logo perguntei se tinha curado a possessa. Suspirou... Inraibado de cara, contou que as orações apenas tinham amansado os nervos à maleficiada, era evidente que estava possuída por um espírito calejado e manhoso, fingia ser surdo, mas o curandeiro jurou que havia de o tirar lá de dentro nem que fosse a ferros, tão certo ele chamar-se João Pinto, de S. Martinho de Vale de Bouro, filho de pai com o mesmo nome e de Catarina da Silva, já falecidos.

Estava a ver que ia falar dos irmãos, dos avós e de todo o ramo familiar, mas dei um tiro ao lado, afinal acrescentou que voltaria a Vilarinho daí a duas semanas, armado de orações mais poderosas, capazes de arrancar um boi pelo gargalo duma garrafa. Benzi-me de susto, e não sou rapaz de tremer como milheiral verde. Depois de termos os bois aparelhados, ele pôs-se a caminho de Vale de Bouro, e fiquei a vê-lo inté desaparecer na primeira curva. Juntos veríamos outro dia, se Deus Nosso Senhor quisesse, neste fevereiro de 1758, que conta minguidos dias.



## SAPATEIRO

**A** minha vizinha Maria José continua de candeias às avessas com a vida, parece não ter fim a desgraça, grande ruindade lhe entrou em casa sem bater à porta e nunca mais de lá saiu, os dias e as noites já contaram perto de três anos. Ontem fui ao fundo do aido, de madrugada, fazer o alívio diário, certinho como o relógio a que dou corda, herança do meu avô paterno, rica prenda, também a minha avó me saiu uma joia, pois quis dar o relógio a outro neto, meu primo de Bilhó, é por isso que o relógio não me deixa esquecer estes avós, dos outros só recebi coices. Fui, portanto, ao fundo do quintal e não ouvi os grunhidos na pocilga da vizinha, lá mesmo ao lado, grande chaldraria fazem os porcos, é a fala deles a dizerem que têm fome, são cinco leitões de luzir o olho, de aguçar o dente, mais um porco muito chegado à sua larega parideira. Logo desconfiei do silêncio dos currais, certo no pensar que o diabo tinha repetido a façanha pelo esconderijo da noite, afinal de nada tinha valido à minha vizinha a curandice do lavrador de S. Martinho de Vale de

Bouro. Disse-me o António Gaspar que ele veio a Vilarinho para comprar um tonel ao Lingrinhas e acabou, ao outro dia, em casa da Maria José, lá levado pelo Gaspar para a exorcizar, isto há sete dias. Está visto que de bois e de vacas percebe esse charlatão João Pinto. O mal continua de pedra e cal dentro da minha vizinha, e agora o espírito, se realmente é espírito, vingou-se nos porcos, antes neles que em mim. Cá em casa não entra o curandeiro, muito menos o espírito malvado, já preguei uma cruz em todas as portas, até no curral e no galinheiro, também na adega, meu rico vinho, crucifixos que herdei dos meus falecidos pais, Deus lhes guarde as almas, tão cedo partiram desta vida, nem tiveram tempo de fazer outro filho, a única coisa que meu pai fabricou foi calçado e dívidas por receber, infelizmente está-me no sangue a sina dos calotes. Com padres não quero nada, mas entendi, para minha defesa e salvação, pedir ao prior Manuel João dos Reis que benzesse as cruzes, roguei-lho quando veio aqui choramingar meias solas nos sapatos de dizer missa, e achou que a benza dos crucifixos era o grande milagre deste século; também não era preciso exagerar, é por isso que não dou comprimento a língua de padre, e agora todos os domingos rezo um pai-nosso à volta da capela de S.to António, só não subo o Monte Farinha, em devoção à Senhora da Graça, porque o medo ainda não me morde os calcanhares, não é por falta de pernas rijas para subir e descer camas. Cá na aldeia e arredores, a Maria José enche as bocas do falatório. Os ditos são folhas ao vento, não precisam de asas, da noite para a madrugada encheram o concelho de Mondim, as notícias de língua têm sete vidas de gato, só os surdos não souberam que a possessa tinha subido ao Monte Farinha para rezar a Nossa Senhora da Graça e

requestar-lhe que a curasse do mal, e no desespero adiantou um cordão de ouro pela graça que haveria de receber, muito choramingado quando o colocou à volta do pescoço da santa. Ao outro dia já o colar tinha voado, cá para mim foi parar à gaveta do prior de Mondim, e a possessa aprendeu a lição, nunca é tarde para acreditar que fica mal servido ou de mãos vazias quem paga adiantado. Uma certeza está firme na minha opinião: a doença da Maria José não se resolve com rezas nem panos quentes, custa dizer isto aos crentes católicos mas é a verdade, juro que não desejo este mal a ninguém, nem ao cliente que não me paga o par de botas novas desde a última Páscoa, calo o nome para não me embirotar. Há cerca de três anos, pouco menos, nem uma pena ficou no galinheiro da minha vizinha, numa aragem todos os bicos murcharam. Foi coisa de espetar penas no coração mais encortçado. Eu estava no quintal, na apanha de uma cesta de figos, quando ouvi soluços do outro lado da cerca, no pátio da Maria José. O natural era ouvir cacarejares, metia dó o choro dos vizinhos, dela e do homem, um pavor o andaço de mortandade que teima em passar por ali, a uma nesga daqui, nem dá para crer que a morte não consiga galgar o muro baixo que nos separa. O bandulho dos cães é que ganhou com a mortandade, é por isso que se diz que a sorte anda sempre com os cães. Ontem, enquanto limpava o cu a uma folha de couve ainda orvalhada, ouvi o arrastar de socas do outro lado da cerca e vi, sem admiração, a cabeça da Maria José rente ao murete. Se ela me viu agachado fez de conta que é cegueta, pois é mestra a fazer de conta, e até já cheguei a desconfiar que a história do espírito dentro dela é tudo invenção, mas olhando o caso dos animais mortos é melhor pôr um pé atrás, não vá



eu morder a língua e ficar sem pingo de sangue. A seguir ouvi o chiar do ferrolho do curral, só o ferrolho, uma coisa estranha ouvir só o ferrolho a desferrolhar-se no abrir da manhã, até me deu um arrepio ao fundo da espinha. De olhos fechados já via a cena triste dentro da pocilga, e nesse instante a vizinha esguichou da boca o rancor que lhe fervia nas veias: *Não me estracinhes mais, cabrão!* De seguida, silêncio pior que cemitério à noite, nem piar de mocho. Percebi que ela tinha caído redonda sobre a bacorada morta, nem sequer estrebuchava como das vezes atrás. Enquanto puxava as calças acima e me punha a caminho de ir avisar o homem dela, o António Antunes, ou alguém que comigo lhe pudesse acudir, que isto de acordar em cima de um monte de porcos deve ser um susto de morte, pensei cá para as minhas lindas botas: *Desgraçado vizinho, tens mulher para te dar arrelias, trabalhos e canseiras, e ainda por cima tens de partilhar o corpo dela com o diabo. Grande infelicidade é ser cornampas do maior cornudo!* A verdade é que a maleita da Maria José dura há quase três anos. Ela vomita cóleras, espumadeiras da boca, olhos revirados, dores de cabeça de guinchar e frases que saem de dentro pela boca dum espírito maligno. Não há médico ou cirurgião que acerte com o mal, muito menos com a cura, que a medicina não conhece receitas para combater ruindades invisíveis que vivem dentro do corpo, são fantasmas com voz. Quando a ciência não tem remédio, restam os santinhos milagreiros, é para isso que foram inventados, e ainda bem que a minha opinião não tem voz, digo isto para mim e calo, caso contrário vinham os cães do Santo Ofício ladrarem-me à porta, e não era para serviço de sapateiro. A esses, coso-os bem com linha ensebada. *Recorre aos santos*, desta maneira

se desenrascou o médico do Pousadouro, derrotado nos livros por onde estudou, se aprendeu tudo não sei, mas saiu-se vencedor ao atirar com a força da fé o corpo e a alma da doente para as mãos do padre João Teixeira, de Agilde, jovem exorcista que arranca com unhas e dentes os males espirituais que corroem os escravos do diabo. Se este padre é santo, vou ali e já volto de mãos vazias. Entrou a esperança em casa da maleficiada, que a fé estava quase a sair derrotada. Animou-se o marido, o António Antunes; merece o Paraíso mais que ninguém, não por ser homem mole de físico e não só, também de poucas falas, mas por não se queixar da canga que a mulher lhe põe em cima e das palavras azedas com que lhe tempera o dia e a noite. Havia de ser cá comigo: dois tapa-olhos nas beíças e espirrava o diabinho pelo nariz. Ajuntou-se o povo à frente da porta no dia em que o padre João Teixeira aqui arribou, parecia um arraial domingueiro para dançar ao som da cantiga do espírito maligno, esta gente não se cansa de assistir a teatros. Eu é que não fui em festejos: fechei a oficina, ainda sou novo para bater a bota e apodrecer as solas no cemitério, quero cá sarandar muitos mais anos a gastar chancas e a consertar as solas ao mulherio que precisa de lhes dar uso, muito trabalho dentro e fora da oficina, seja dita a verdade, mas em mulheres endiabradas não espeto eu a sovela, haja paciência, a vida custa a todos, conheço couros que só dão prejuízo e dores de cabeça. Espreitei por uma fresta da janela, a ver o que acontecia, sem espanto os apanhava a grunhir como porcos e a cacarejar, mas veio o padre à porta e espargiu da boca para fora água a ferver: *Vade retro!... Embora daqui antes que o mal se aloje nas vossas almas pecadoras!* Sumiu-se o enxame de bisbilhoteiros

num simples abanar de rabo do diabo, e continuei especado à espera que o padre exorcista findasse a cerimónia de espantar espíritos. Quando ele desapareceu da minha vista, ao fundo da rua, fui ao quintal e chamei o vizinho António, como usava fazer antes e muito antes para saber se ele está em casa, agora não o chamo desde que a sua mulher caiu em desgraça. Apareceu com a cara que sempre me mostrou em todas as situações, cara de bom amigo, e isto tirou-me o peso de cima, era certo que o espírito não tinha batido com a língua nos dentes só para deitar ainda mais a casa abaixo. Contou-me tudo desde a chegada do padre, pouca coisa: a mulher dormiu como santinha deitada numa esteira, ensonada pelas orações expurgatórias. *Graças a Deus*, disse-lhe, com um suspiro ancho, e para lhe aumentar a esperança e a fé desejei-lhe boa sorte e saúde da boa à mulher. Fui-me ao calo das mãos, a minha vida não se abicha com paleio, e a da Maria José era saco roto na oratória do padre João Teixeira, o bem que ele fez durou o tempo que um pano morno demora a arrefecer. Em menos de cinco dias regressou o padre, chegou mais carregado de mala, maior e mais pesada de livros, que são as chaves-mestras para abrir a fechadura dos espíritos difíceis. Juntou-se outra vez um arraial de curiosos à frente da casa, que nada ralou o padre, vá-se lá entender os padres; dessa vez não veio à porta escorraçar a ranchada, até deixou a porta entreaberta, talvez na esperança de o espírito se agradar de um novo corpo, dava jeito ao padreco, serviço feito e proa ao alto, e também corria de feição para o espírito, pois imagino que frequentar sempre o mesmo corpo é muito cansativo, mesmo sendo de mulher nova e boa como o milho. Então deu-se o caso extraordinário: finalmente o padre exorcista

conseguiu puxar a língua ao espírito, e ele falou pela boca da possessa, apesar de alguma desilusão do sacerdote, porque a voz, que parecia de homem maricas, disse que era um espírito bem-intencionado, até jurou que não era o demónio, declaração que não convenceu o pároco, já enxofrado nas diabruras desta laia, aos 35 anos o padre João Teixeira sabe muito bem que o Inferno está cheio de boas intenções, aliás, nem nos anjos se pode confiar. Com educação, parece que os espíritos também gostam de palavras doces, o padre pediu-lhe para regressar ao Inferno, onde estaria mais confortável, mas não explicou a razão de o Inferno ser um sítio mais agradável que o corpo duma mulher, eu dava um par de botas para saber a razão. Negou-se o espírito, desiludido e revoltado por o julgarem da pior corja, e anunciou com voz sonsa que iria aonde Deus o mandasse, mas continuaria naquela morada, o corpo da Maria José, enquanto Deus Nosso Senhor ordenasse, e que faria os possíveis para não afinhar muito o sossego da sua hospedeira, o que provocou um abanar de cabeça e um sorriso mole no padre, mudo e quedo como penedo, nunca ele tal coisa tinha ouvido dum espírito, até o imagino enrodilhado no latinório. O espírito despediu-se, bem-educado, mas antes jurou solenemente que não era o culpado da mortandade da criação, arranjassem outro bode expiatório, por favor. Disse isto e calou-se para sempre, nem um salpico de saliva saltou da boca da infernizada. Restou ao padre Teixeira, de Agilde, despedir-se também, mas primeiro ordenou que fossem nessa semana entregar-lhe uns alqueires a transbordar, que Deus bem os merecia, e acrescento, já que ele não me ouve aqui, o seu corpo cevado também. Foi-se o pároco e ficou a Maria José a dormir como criança embalado numa

seira, e ao homem dela pareceu que a santa paz tinha regressado ao lar, até começou a fazer contas à vida, a abrir os cordões à bolsa em pensamento, é mais fácil, a ver se podia comprar uma porca e uma dúzia de pitos. Pela saúde da sua Maria, prometeu dormir uma noite ao relento, no alto do Monte Farinha, aos pés da Senhora da Graça. Oxalá a santa tenha pés quentinhos, é o bem que lhe desejo. Isto é tudo o que sei sobre este caso sem fabricar invenções, porque também não invento no meu ofício de sapateiro, e confesso, eu que não sou católico, muito menos judeu, que estou ceguinho por ver como acaba a história do espírito no corpo da minha vizinha. Eu é que não entro lá mais!